

CAPÍTULO VII – NESSA EVOLUÇÃO HÁ MUITOS RETARDATÁRIOS

A Sra. Remington estava oferecendo uma recepção em homenagem a Marozia.

Como ocorre em muitos eventos mais pretensiosos, o orgulho era a motivação dominante. A Sra. Remington não possuía nada daquela hospitalidade calorosa que dá vida às relações sociais. Ela desejava apenas impressionar os Watson e os Weston, além de várias outras figuras de destaque cujo interesse, ultimamente, deixara de se concentrar na Villa como um centro de vida social e formador de opinião. Esse arrefecimento do interesse lhe causava profunda irritação — sobretudo porque poderia ter sido evitado pelos membros de sua própria família, caso tivessem ouvido seus conselhos. Agora, ela saborearia uma pequena e doce vingança, tanto contra Marozia quanto contra seus antigos amigos. Contra a primeira, ao colocá-la o máximo possível na companhia de Claude Rathburn. Depois, sentiria um prazer deliciosamente malicioso ao exhibir Marozia diante da elite local, que já começava a tratá-la com uma condescendência que deixava transparecer, de forma inequívoca, a perda do respeito.

— “Quem sabe o que pode acontecer nesta festa?”, refletiu ela enquanto batia o bolo e decorava os quartos com motivos festivos.

— “As meninas são volúveis e facilmente influenciáveis! Vou garantir que Marozia não deixe essa oportunidade escapar! Ela é igualzinha ao pai — com a cabeça nas nuvens —, mas vou mantê-las com os pés no chão — veja se consigo.”

A elite local compareceu em peso na noite da festa. Havia também duas ou três figuras de destaque vindas de Cooperstown, Oneonta e Utica, mas, acima de tudo, Claude Rathburn em traje de gala, exibindo seu sorriso habitual. A felicidade da Sra. Remington transbordava. Pouco lhe importava que a

curiosidade tivesse contribuído para atrair grande parte dos convidados; bastava-lhe que estivessem ali, e ela saberia jogar bem as suas cartas enquanto a oportunidade durasse. Naturalmente, no decorrer do último ano, Marozia havia conquistado certo prestígio aos olhos da aristocracia do condado e do vilarejo. Todos queriam ver como ela estava depois de ter passado um tempo estudando fora. O fato de Claude Rathburn ser visto como um possível pretendente aumentava ainda mais o interesse.

— “Realmente, ela tem um ar bem peculiar, não acha?” – Viola Watson disse arrastado, por trás do leque, para o médico da aldeia.

— “Sim, sim, bem descolada!”

— “Não é engraçado, já que ela estava só em Utica? Agora, se ela tivesse passado o ano na Metrópole ..., mas... bem, é engraçado de qualquer forma o jeito que ela se comporta!”

— “Sim, sim, muito ‘engraçado’ – absolutamente hilário!”

— “Quero dizer ‘estranho’”, corrigiu ela, corando.

— “Sim, muito estranho. Um incidente verdadeiramente notável!”

— “Vale a pena registrar! Eu diria que isso poderia muito bem ser classificado como um fenômeno!”. Os olhos vivos e perspicazes do velho médico traziam um brilho de humor. Os esnobes eram sua aversão particular, mas sua ironia nunca era cáustica. Ela passava pelo filtro de uma mente repleta de bondade benevolente e absorvia essa qualidade. Viola Watson deu um sorriso afetado e ficou imaginando o que o velho médico queria dizer. Ela jamais se deu conta de que havia cometido uma gafe.

Naquela noite, Marozia era tudo o que a Sra. Remington poderia desejar. Ela mostrava-se serena, imponente e brilhante.

A Sra. Morton observava-a com um aperto de tristeza no coração. “Ela não é mais a mesma!”, observou em pensamento. “Parece ter adquirido força e um charme magnético; mantém-se — assim como mantém os outros — sob pleno controle. Certamente possui um novo poder e uma nova percepção, o que sugere alguma crise vivida entre o sofrimento e a vitória. No entanto, ela não passou por ‘experiências’ marcantes, e sua vida, aos olhos de todos, transcorre de forma docemente simples. Não compreendo bem essa mudança e sinto falta da antiga Marozia, com o encanto de seu humor vivo e peculiar e suas graças espirituosas e fantasiosas.”

A alma de Marozia estava novamente agitada naquela noite, pois o rosto de Claude Rathburn surgia incessantemente diante dela. Parecia impossível escapar dele. Em qualquer multidão de que ela fosse o centro, ele estava ao seu lado. Ao que tudo indicava, ele estava em toda parte naquela noite.

— Ah, Sra. Morton — exclamava Viola Watson —, a senhora não poderia convencer o Sr. Remington a deixar Marozia ir conosco para Nova York na semana que vem? Seria tão divertido tê-la conosco, não acha? — Assim interpelada, a Sra. Morton sorriu ao responder:

— Acho que eu seria uma péssima embaixadora; portanto, por favor, não me atribua tal incumbência! — Marozia retribuiu o sorriso com um lampejo de simpatia. Mas Viola continuou:

— “Seria muito divertido se você viesse conosco à metrópole! Você nunca esteve lá, sabe... além disso, realmente deveríamos nos ver mais; somos amigos de longa data!”. Marozia estava perto do pai, que as irmãs Watson cercavam em vão. Ali por perto, o onipresente Claude exibia um sorriso radiante. Um sorriso irônico surgiu em seus lábios delicados e sensíveis. Então, ela respondeu com um entusiasmo forçado:

— “Srta. Watson, eu, assim como todos os alunos do meu pai, tenho motivos para lembrar que, quando ele diz não, é para valer!”

Ela então se voltou para outros convidados e perdeu-se na multidão.

Ralph Remington nunca apreciava as recepções promovidas pela esposa, embora houvesse momentos preciosos, aqui e ali, em que podia conversar com o bom e velho Dr. Lester, com a Sra. Morton ou com o Professor Bancroft.

Naquela noite, sentia-se exausto e oprimido. Uma premonição de algo funesto pairava sobre ele. Desejava ardentemente refugiar-se na tranquilidade de sua biblioteca. A alternativa mais agradável era uma conversa tranquila com a Sra. Morton; por isso, atravessou o salão para sentar-se ao lado dela em um divã.

— “Tenho pensado em como Marozia se desenvolveu maravilhosamente durante o último ano!”, observou ela em voz baixa.

— “Ela esteve em contato com uma grande alma.”

— “A professora de quem ela falou?”

— “Sim.”

— “Mesmo assim, não é notável ter adquirido tanto em tão pouco tempo?”

— “Seria assim se fosse adquirido como o conhecimento é, mas querida Sra. Morton, é um desenvolvimento interior. Quando uma alma está pronta, o tempo é transcendido. Então, quando uma verdade é apresentada, ela é imediatamente compreendida, pois encontra uma resposta interior”.

— “Você gostaria de me lembrar que é sabedoria em vez de mera aquisição de cultura!”

— “Mesmo assim. Marozia é sábia além de sua idade! Sua alma tem um longo passado durante o qual ela melhorou seu tempo em vez de vadiar. Para ter certeza, como Espíritos, todos nós viemos de Deus ao mesmo tempo, mas alguns – ou melhor, muitos – entre nós são retardatários. Como crianças na escola, perdemos nosso tempo em vez de aprender nossas lições e o resultado é que tais pessoas estão atrás dos outros. Eles não conseguem compreender as verdades mais profundas. Há muitos graus na evolução! Você vê, não consigo deixar de lado as comparações de pedagogo!”, ele acrescentou sorrindo.

— “Não conheço melhor maneira de explicar os problemas dos teólogos, quando eles procuram compreender as diferenças de status mental e moral entre a humanidade. Isso sempre intrigou aqueles cujo senso de justiça é forte.

— “É verdade, meu querido amigo. E em quase todos os cultos modernos – mesmo nas escolas avançadas de pensamento, há discrepâncias – lacunas a serem preenchidas ou transpostas! Não encontrei nada que seja tão satisfatório para a Mente e para o Coração como esta maravilhosa Filosofia de vida que Marozia tem estudado, a Filosofia Rosacruz. É a verdade abstrata que sempre senti intuitivamente, formulada em um sistema. Prometo a mim mesmo de ter a grande satisfação de investigar mais a fundo os seus mistérios profundos”.

Mais tarde, naquela noite, Marozia viu-se subitamente frente a frente com Claude Rathburn em uma sala um tanto reservada, aonde fora em busca de alguns desenhos.

— “Ah, comecei a pensar que jamais teria um momento a sós com você! Com quanta insistência você tem me evitado esta noite!”. Sua voz era baixa e persuasiva, e seus olhos ardiam com um poder intensamente concentrado. Para ela, aquele olhar remetia às artes ocultas inferiores; contudo, um feitiço singular a mantinha imóvel. As palavras que ela proferiu soaram mecânicas e forçadas.

— “Não sei se um tête-à-tête é especialmente necessário ou desejável!”

— “Com você ou comigo?”

— “Com nenhum de nós!”

— “Assim fala a Rainha de outros tempos! No entanto, seu Cavaleiro de outrora ainda lhe prestaria serviços obedientes!”

— “Você fala em enigmas!”

— “A Esfinge deu o exemplo e muitos sábios desde então seguiram o método! Conceda-me o favor de um conhecimento mais próximo e eu desvendarei alguns enigmas muito interessantes para você!”

Ele sorriu para ela, e mais uma vez ela se sentiu incapaz de se mover ou falar. Pareceu-lhe uma eternidade, embora não passasse de um instante.

— “Você quer ter poder? Quer conhecer segredos estranhos? Posso lhe contar muitas coisas — se você me permitir — e amá-la!”

Uma repulsa nauseante tomou conta dela ao ouvir aquelas palavras. Contudo, ele ainda prendia o olhar dela ao seu rosto.

— “Você me pertence”, continuou ele. “Existem laços que vêm de muito tempo atrás!”

Seu eu interior protestava contra as palavras dele — mas aquele feitiço singular a mantinha imóvel. Então, de repente, algo nela foi atraído em direção a ele, e ela tomou viva consciência de uma dualidade em seu íntimo. Uma parte dela recuava horrorizada; a outra estendia-se numa estranha fascinação, compelida pelo poder irresistível do olhar dele.

— “Não, não!”. Seu tom era suplicante, mas ela não sentia forças para se mover.

— “Um dia eu te provarei isso.”

— “Por favor, me deixe em paz!”, ela implorou. Ela ergueu as mãos diante dos olhos e, conforme os passos se aproximavam, ele desviou o olhar de seu rosto. Ela se sentiu fraca e tonta ao se virar e caminhar para a sombra de uma videira em uma varanda lateral. Ele não a seguiu. Ele não tinha mais dúvidas sobre o resultado final – sobre a conquista desejada.

Marozia levou as mãos aos olhos novamente, como se quisesse bloquear algo. Ela respirou fundo e rapidamente e sussurrou, tremendo:

— “Você, Marozia Remington! O que isso significa?”

Ao voltar a conviver com os convidados de sua mãe, ela trazia uma expressão estranha no olhar e aguardava, com o coração acelerado, o fim daquela ocasião enfadonha. Claude não a procurou novamente naquela noite; agora, ele podia esperar o momento certo.

Ao final do evento, quando Marozia foi procurar o pai na biblioteca, ela estava incomumente silenciosa. Ele notou seu ar absorto, mas atribuiu-o ao cansaço. Ela apoiou a cabeça no joelho dele e sentiu um pouco da antiga serenidade invadir sua Mente agitada.

— “Ó Pai, se eu pudesse estar sempre contigo!”, murmurou ela.

— “Esses assuntos não interessam à minha filhinha?”

— “Ah, algumas fases são interessantes, mas...”

— “Mas as exceções... quais são elas?”

— “Claude Rathburn é uma delas.”

— “Ele não te interessa, querida?”

— “Sim e não! Mas eu queria nunca mais vê-lo!”

— Por que a mamãe insiste em convidá-lo para vir aqui?”

Uma expressão de profunda tristeza surgiu em seu rosto e ele curvou ainda mais a cabeça.

Ao chegar ao seu quarto, Marozia sentou-se junto à janela aberta até que a beleza estrelada da noite acalmasse a agitação de seu sangue. Então, com um domínio imperioso de sua vontade, ela afastou aquele estranho feitiço e pareceu alguém que despertara subitamente de um delírio.

“O que é isso — o que é isso?”, perguntava ela repetidamente, sem encontrar resposta. “Sou a mesma Marozia Remington... e, no entanto, não sou a mesma. Não cometi mal algum, mas sinto uma estranha inquietação. O que foi que me aconteceu? Ele falou em poderes. Eu sei que existem poderes espirituais, mas era diferente. Quem tem realmente jamais exerce tal influência; jamais se pronuncia sobre os poderes que tem. Seus discursos versam sempre sobre poder espiritual, sobre a formação do caráter, sobre o crescimento da alma. Ah, eu não compreendo isso!”

Ao lembrar os eventos daquela noite, ela sentiu o feitiço retornar e se repreendeu por isso.

— “Nunca mais o verei, se depender de mim – eu o detesto!”

No entanto, subconscientemente, ela sabia que ele havia entrado em sua vida.